

Suplemento Cultural

ONÇA-PINTADA

A rainha das selvas pantaneiras na concepção de alguns artistas

RAQUEL NAVEIRA – Escritora, doutora em Língua e Literatura Francesas

Observo a onça-pintada impressa nesta cédula de cinquenta reais. É linda, perfeita. Bela lembrança do meu Pantanal, uma das regiões de maior densidade da onça-pintada, predadora às voltas da criação do gado. Muitas vezes é caçada pelos fazendeiros como retaliação a seus enérgicos ataques na madrugada.

Sempre houve fascínio pela onça-pintada, símbolo de força e poder. Os maias acreditavam que ela facilitava a comunicação entre vivos e mortos, protegia o reino espiritual. Os astecas cultuavam a pantera como animal totêmico do poderoso deus Tezcatlipoca, que acompanhava os guerreiros vestidos com pele de onça, padrão de manchas fantástico de rosetas amarelas e pretas. Para esses povos, na selva, em meio ao som de tambores, levantava-se o espírito do jaguar, o senhor das montanhas



(FOTO: GUAPURUVU)
ONÇA-PINTADA – olhar selvagem e temeroso do belo felino dos nossos pantanais

que alimentava suas entranhas do sol negro do crepúsculo e da estrela d'alva. O deus-jaguar, o jaguar-homem, que saltou com garras e olhos de jade sobre o vale americano onde jaz a raça índia.

Há tanto mistério nessa fera robusta, musculosa, atarracada, capaz de rastejar, nadar, escalar. Vem a passos lentos e macios, preparando emboscada, atacando a vítima por cima, por um ponto cego, arrancando com os dentes cérebro, ossos e cascos.

Lembrei-me daquele caso contado por Monteiro Lobato, no livro "Cidades Mortas", do sertanejo apelidado "Resto de Onça", um caboclo magro, sem o braço direito, sem um olho, sem um pedaço da cara. Horrípante e cheio de cicatrizes. O narrador pede a Resto de Onça que conte sua história. Ele a narra numa linguagem atraente, retratando com fidelidade a fala regional. Contou que na fazenda de um tal coronel Eusébio havia uma onça-pintada mãe, que atacava o chiqueiro dos porcos. Prepararam então uma caça ao felino com vários cachorros onceiros, entre eles o Brinquinho. Resto de Onça se afastou dos companheiros e, de repente, sentiu uma patada de unha nas costas. O que o salvou foi a coragem do Brinquinho. Chegou então um outro caçador, o nhô Vadô, sogro de Resto de Onça, que ficou paralisado de medo, sem fazer nada para ajudá-lo. Resto de Onça conseguiu pegar a espingarda e introduzir o cano dentro da boca da

onça. Depois, apontou para o lado do sogro e o matou de raiva. Virou resto de onça, caco de gente.

A onça também pode ser parda ou preta. No livro "Martim Cererê", de Cassiano Ricardo, ponto alto da corrente verd-amarelista, epopeia nacional em que índio, negro e branco tomam posse do território e formam um novo país, a onça preta é figura cosmogônica, parte da gênese mítica do povo brasileiro. É ela que come o sol, símbolo do português; come a arara, o elemento indígena e traz a noite escura que estava escondida no centro do fruto de tucumã. Para mim, onça verdadeira é jaguateté, é a onça-pintada do mato de minha terra.

O cuiabano João Sebastião elegeu a onça-pintada como seu ícone preferido. Seus quadros são impactantes. Do chão da floresta brotam onças-pintadas, salpicadas de solidão e silêncio. Onças entalhadas em pedras, moringas, sarcófagos, escapando da boca de vulcões. Alta potência expressiva.

“

Há tanto mistério nessa fera robusta, musculosa, atarracada, capaz de rastejar, nadar, escalar. Vem a passos lentos e macios, preparando emboscada, atacando a vítima por cima, por um ponto cego (...)"

Já as onças de Lúcia Martins Coelho Barbosa, de Campo Grande, têm textura nos pelos, olhos de esfinge. E o fotógrafo de Florianópolis, o viajante e andarilho Araquém Alcântara, soube capturar com suas lentes instantâneas do focinho à cauda ereta da onça-pintada à beira de um rio de areias douradas, coalhado de peixes. Arte e onça-pintada combinam muito com elegância, ecologia e dramaticidade.

Concentrei-me novamente. Estava tão longe. Uma pequena compra para a sobrevivência e lá se foi a onça pintada impressa na minha cédula de cinquenta reais.

POESIAS

O MENDIGO

Ei-lo, sujo e senil, à beira da calçada.
Muito sofrido, tão sozinho e esfarrapado,
as pupilas vazias, não fitando nada,
a miséria clamando, no rosto enrugado...

No corpo esguio e murcho há derrota estampada,
no esgar, que é seu sorriso alvar, dissimulado,
há um grito de revolta, viva e amargurada
e toda uma explosão de protesto ignorado...

Pede esmola estendendo o seu chapéu furado
aos que, indiferentes, passam ao seu lado,
sem ouvi-lo, sem vê-lo e sem sentir sua dor.

O mendigo é na vida a imagem desvairada
da pobre humanidade, triste e desolada,
que vegeta sem rumo, sem paz, sem amor!

ANTONIO LOPES LINS

SÍNTESE

Há nos meus olhos
Expressões de ausências...
Há na minha boca
O gosto amargo das derrotas.

Caminhei sem parar,
Noites e dias,
Numa ansiedade milenar
Em busca do sentido da vida.
Num Saara interminável
Fui açoitado impiedosamente
Pelo Sínum da adversidade.
E só encontrei feras humanas.

Hoje, sou apenas
O resumo sentimental de um sonho.

HUGO PEREIRA DO VALE

ANGÚSTIA

NELLY MARTINS

Angústia, ansiedade, aflição, tormento.
"O nada absoluto sobre o qual se configura a existência".

A vida, página lida, vivida, esquecida.
Hora querida, sofrida, lenta ou corrida,
sim ou não.

Relógio que bate pancadas firmes e mansas, fala compassado, caminha ritmado, indiferente, insensível, sofre não.

Coração que pulsa é diferente. Vai firme aqui, lá na frente fraqueja, quase pára e de repente acelera, palpitação. Segue o ritmo que o corpo imprime no riso puro ou demoníaco, na dor silenciosa ou gritante.

Respira-se desassossegado, reprime-

se gemido.

Respira-se fundo na procura de ar puro para a alma em suspenso.

É a angústia consumindo a gente. Sorrateira, silenciosa, inimiga da razão, luz e sol.

Angústia que chega com a noite. Que escorre e se esparrama dentro do peito sufocado. Dentro do corpo sombreado e frio.

Longe dos cantos que andam no ar cheirando as flores.
Longe do equilíbrio e bom senso.

Longe das forças que levam à dignificação da vida e à valorização do homem.

Angústia que se vai com o feitiço da música que traz o amanhecer.

Com a valsa da manhã dourada, seguida do silêncio da paz.

Com o ar fresco, a luz, o sol.

A morte do finado Jesus

RENATO TONIASO

O Jesus era o filho mais velho do "Seu" Cantídio, um senhor magro, alto e de pouca fala, que morava em um sítio próximo à escola rural onde eu e mais alguma crianças estudávamos. Andara uns tempos por outras paragens, mas regressara para o sítio do pai, já casado, com trinta e poucos anos de idade, dois filhos ainda pequenos e a fama de matador. Dizia-se que já tinha pelo menos "duas mortes nas costas", embora alguns, mais corajosos e que não gostavam dele, alardeassem, à boca pequena, que não era tão valente assim; diziam que nas brigas em que se envolvera, em especial, à noite, costumava ficar à margem do entrevero, para só entrar "na boa", pegando as vítimas de surpresa e pelas costas; daí o referido sucesso. Não se sabia ao certo o que ocorrera nessas ocasiões, e nem porque um homem com tal ficha criminal encontrava-se em liberdade. Ele, entretanto, não se fazia de rogado e até incentivava a difusão de tais fatos, eis que isso lhe dava fama e impingia temor nas pessoas; e se portava como se estivesse sempre disposto a aumentar o seu currículo de valentão: andava ostensivamente armado, praticamente não trabalhava e vivia pelos bolichos e bailes, sempre reunido "em bando, com um irmão seu e mais um ou dois amigos, à procura de encrencas; bebia, mas não perdia o tino; quase todos tinham medo dele, e os que não tinham, por prudência, procuravam evitá-lo. O meu pai era um destes, embora não desse voltas para não cruzar com o dito cujo; e este se sentia incomodado com essa

postura, serena mas altiva; com o que o encontrei com dois capangas, todos fortemente armados, rondando o sítio onde morávamos, provavelmente tentando criar uma situação de fato que lhe fosse favorável para fazer valer a sua fama, mesmo que isso implicasse em deixar órfãos a mim e aos meus irmãos. Enfim, o "Jesus do Cantídio", como era conhecido na região, era uma pessoa detestada e temida por quase todos, senão por medo, pelo menos por prudência, pois a sua presença pronunciava confusão, brigas e até mortes.

O Toni Crussiol era um rapaz de mais ou menos dezoito anos de idade que morava no sítio lindeiro àquele do "Seu" Cantídio. Era alegre e brincalhão – como o são, em geral, os jovens –, e por força dessa vizinhança, cruzava em frente à morada do Jesus com frequência. Muito provavelmente por conta do temperamento agressivo deste, contraposto ao timbre de galo que o menino-homem já demonstrava, certo dia os dois se estranharam, e, embora o rapaz não estivesse armado, o valentão humilhou-o sobre maneira: ofendeu-o, dizendo que ia quebrar-lhe a crista, e bateu-lhe no rosto, de prancha, com uma adaga. A inimizade estava feita e iniciava-se ali o caldo de cultura para a ocorrência de uma tragédia. O rapaz foi embora chorando, mas não era de medo; era de raiva. Não prometeu vingança, mas pela sua reação, todos imaginaram "que boa coisa" não sairia daquele acontecimento. "Não se bate na cara de homem", diziam os mais velhos. O Rincão ia ficar pequeno para os dois. Era só esperar para ver.

E assim, de fato, o foi. Passados mais ou menos dois anos do funesto acontecimento, ocorreu um baile nas imediações. O Toni foi ao baile e o Jesus também; este com os seus ami-

gos de sempre. Cuidados de parte a parte, ocorreram provocações e indiretas lançadas pelo Jesus – "é hoje que eu vou dar outra lição no galinho"; o rapaz apenas observava. O Jesus portava arma branca e um revólver. O Toni, até por ser muito pobre e não poder comprar arma de fogo, só tinha uma faca ou uma adaga. Na saída do baile, a briga foi inevitável. O Toni investiu e o Jesus começou a atirar; mas, como estavam no escuro e porque o Toni procurou se proteger, rolando no chão e afastando-se para trás de uma árvore, errou os tiros. Esvaziado o tambor do revólver, o Toni retomou a carga, agora com toda a raiva e a fúria acumuladas em seu coração. Os companheiros do Jesus puseram-se a correr e este levou várias facadas, morrendo logo a seguir.

A ocorrência foi comentada durante muito tempo, e, imagino, embora tenham sido tomadas todas as providências legais cabíveis contra o Toni, o mesmo passou a ser visto como alguém muito corajoso, que "fizera uma limpeza na região"; quase um ídolo. Os homens "de bem" comentavam; "eu não disse?"; e as pessoas em geral como que respiraram aliviadas; inclusive eu, que temera pela vida do meu pai. O fato passou a ser usado como um importante marco temporal na região. Era comum ouvirem-se expressões tais como: "aquí não houve mais briga depois da morte do finado Jesus"; "a minha filha casou-se três anos após a morte do finado Jesus" etc.; ou até mesmo nos seguintes termos: "pena que não mataram o Jesus antes". Como não se tratava do personagem que deu início à era cristã, as pessoas que não eram dali e não conheciam os fatos tinham certa dificuldade para entender esses comentários; algumas saíam se benzedo.

Lélia Rita e seu 'Amor em Todos os Quadrantes'

OTÁVIO GONÇALVES GOMES

Lélia Rita Euterpes de Figueiredo Ribeiro nasceu em 22 de novembro de 1935, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Filha do engenheiro-agrônomo, ex-Governador de Mato Grosso, Arnaldo Estevão de Figueiredo e Menodora Fialho de Figueiredo (falecida). Fez o primário na Escola Barão de Melgaço, iniciou o ginásio em Cuiabá, passando ao Colégio "Sacré Coeur", no Rio de Janeiro e vindo para concluir o ginásio e o científico, no Colégio "Nossa Senhora Auxiliadora", de Campo Grande, MS, em 1954.

Ingressou na Faculdade D. Aquino de Filosofia e Letras, em 1970, onde concluiu o curso de letras, em 1973. Matriculou-se no Curso da Faculdade de Direito das Faculdades Unidas Católicas, de Campo Grande, em 1980. Poetisa,

jornalista, professora, Lélia Rita pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, cadeira nº 27, cujo patrono é Antônio João Ribeiro – o herói da resistência na Colônia Militar de Dourados.

Divulgadora e incentivadora da cultura sul-mato-grossense, agraciada com a medalha Dr. Arlindo de Andrade, da Câmara Municipal da capital do Estado, por serviços prestados à cultura em nosso estado.

Quando Diretora-Geral do Departamento da Cultura de Mato Grosso do Sul, empenhou-se eficazmente em prol do desenvolvimento e propagação cultural estadual, não só promovendo concursos literários, exposições de arte, mas também cursos de dança e tudo o mais que se relacionasse ao seu departamento.

A respeito do livro de Lélia, disse Carlos

Drummond: "Tenho o seu 'Amor em Todos os Quadrantes', que fala de uma sensibilidade feminina envolta na paisagem, no meio físico, e espiritual de Mato Grosso.

Muito lhe agradeço o presente amigo, que me encantou.

O abraço cordial e o afetuoso apreço de Carlos Drummond de Andrade
Rio, 20 de junho de 1977."

Gervásio Leite assim se manifestou sobre o livro: "...quero expressar-lhe a minha admiração e os meus aplausos pela nítida vocação poética que revela no seu livro de estreia..."

É de admirar o seu estilo, a riqueza vocabular, o seu valor dado às palavras, na sua extensão semântica, a forma estética dos poemas, a liberdade de dizer o que sente e como sente, bem personalizam a autora, disse o poeta Severino Toledo – Aquidauana – junho de 1977.

Com relação ao livro de Lélia Rita, "Amor em Todos os Quadrantes", quando do seu lançamen-

to em 28 de maio de 1977, dissemos o seguinte: Lélia Rita surgiu devagarinho enquanto frequentava a Faculdade D. Aquino de Filosofia e Letras. Depois, com a divisão do estado de Mato Grosso, se inspirou e porejou suas poesias. Seus poemas não são clássicos, mas poesia moderna livre. Drummond e Fernando Pessoa são os seus travesseiros, segundo a própria autora.

Percutiu além dos temas da divisão, os do amor à natureza, à vida e os motivos regionalistas, de preferência.

Poesia não é somente rima e métrica. Poesia é imaginação, é sentimento, é sutileza, é a valorização da palavra, é a vibração do verbo e do verso; a poética de Lélia Rita tem tudo isso.

Seus temas modernistas, tais como os de Lobivar Matos, valorizam o que é nosso – sem contudo se aprofundar nas questões sociais, mas procura extrair o máximo do sentido das palavras, usando de alterações, o duplo sentido, e os trocadilhos, muitas vezes.